



Núcleo de Tradução das Sociais

O presente texto foi modificado para otimizar arquivos PDF, o processo envolve a separação de uma página em duas, e o reconhecimento de texto em imagens, de maneira que o arquivo se torne grifável por meio de programas OCR (Optical Character Recognition).

Vale lembrar que, a disponibilização de arquivos digitais de qualidade na faculdade também é uma pauta de permanência estudantil, uma vez que a experiência de leitura – tão crucial num curso de ciências sociais – é extremamente influente no processo de entendimento do material.

Caso tenha interesse em participar do nosso projeto, entre em contato no
instagram: @nts.usp

Introdução

O Terceiro Mundo hoje enfrenta a Europa como uma massa colossal cujo projeto deve ser tentar resolver os problemas para os quais a Europa não foi capaz de encontrar a resposta.

Frantz Fanon, *Os condenados da terra*, 1961¹

O Terceiro Mundo não era um lugar, era um projeto. Durante as batalhas aparentemente intermináveis contra o colonialismo, os povos da África, da Ásia e da América Latina sonhavam com um novo mundo. Eles ansiavam por dignidade acima de tudo, mas também pelas necessidades básicas da vida (terra, paz e liberdade). Eles reuniram suas queixas e aspirações em vários tipos de organizações, nas quais suas lideranças formularam uma plataforma de demandas. Esses líderes – Jawaharlal Nehru da Índia, Gamal Abdel Nasser do Egito, Kwame Nkrumah de Gana ou Fidel Castro de Cuba – se encontraram em uma série de reuniões em meados do século XX. Em Bandung (1955), Havana (1966) e em outros lugares, esses líderes criaram uma ideologia e um conjunto de instituições para dar sustentação às esperanças de suas populações. O “Terceiro Mundo” compreendia estas esperanças e as instituições criadas para levá-las adiante.

¹ Utilizei “projeto” no lugar de “objetivo”. A citação original é: “Le Tiers-Monde est aujourd’hui en face de l’Europe comme une masse colossale dont le projet doit être d’essayer de résoudre les problèmes auxquels cette Europe n’a pas su apporter de solutions” (Fanon, 1961, p. 241).

Dos escombros da Segunda Guerra Mundial surgiu uma Guerra Fria bipolar que ameaçou a existência da humanidade. Gatilhos sensíveis² de armas nucleares ao lado de debates acalorados sobre pobreza, desigualdade e liberdade ameaçavam até mesmo aqueles que não viviam sob proteção dos EUA ou dos soviéticos. Ambos os lados, como Nehru observou, se atacavam com argumentos sobre a paz. Quase sem serem afetados pela devastação da guerra, os Estados Unidos usaram suas vantagens para reconstruir os dois lados da Eurásia e cercar uma União Soviética devastada. Frases como “retaliação massiva” e “diplomacia arriscada” não trouxeram conforto para os dois terços da população mundial – pessoas que haviam conquistado recentemente ou estavam prestes a conquistar a independência dos mandatários coloniais.

Jogadas entre essas duas formações principais, as nações mais escuras se amalgamaram como Terceiro Mundo. Povos determinados atacaram o colonialismo para conquistar sua liberdade. Eles exigiram igualdade política no âmbito mundial. A principal instituição para esse tipo de expressão foi a Organização das Nações Unidas (ONU). Desde seu início, em 1948, a ONU desempenhou um papel enorme para a maior parte do planeta. Mesmo não ganhando assentos permanentes no Conselho de Segurança, os novos Estados aproveitavam a Assembleia Geral da organização para apresentar suas demandas. As reuniões afro-asiáticas em Bandung e Cairo (1955 e 1961, respectivamente), a criação do Movimento Não Alinhado em Belgrado (1961) e a Conferência Tricontinental em Havana elaboraram os principais argumentos dentro do projeto do Terceiro Mundo, para que pudessem ser levados de forma articulada ao palco principal, a ONU.

Além disso, os novos Estados pressionaram a ONU para a criação de plataformas institucionais para a agenda do Terceiro Mundo: a Conferência da ONU sobre Comércio e Desenvolvi-

² Em inglês, *hair trigger*, expressão que designa um gatilho que dispara sob a menor pressão possível. (N. E.)

mento (Unctad) foi a mais importante dessas instituições, mas não foi a única. Por meio delas, outros aspectos, para além da igualdade política no plano internacional, vieram à tona: o projeto do Terceiro Mundo incluiu a demanda pela redistribuição dos recursos do mundo, uma taxa de retorno mais digna para a força de trabalho de seu povo e o reconhecimento compartilhado da herança da ciência, tecnologia e cultura.

Em Bandung, o anfitrião Ahmed Sukarno ofereceu este ensinamento para o Terceiro Mundo:

Não sejamos amargurados com o passado, mas mantenhamos nossos olhos firmes no futuro. Vamos lembrar que nenhuma bênção de Deus é tão doce como vida e liberdade. Vamos lembrar que a estatura de toda a humanidade é diminuída enquanto nações ou partes de nações ainda não são livres. Lembremos que o propósito supremo do homem é a libertação das amarras do medo, das amarras da pobreza, a libertação do homem das amarras físicas, espirituais e intelectuais que por muito tempo atrapalharam o desenvolvimento da maioria da humanidade. E vamos lembrar, irmãs e irmãos, que por causa de tudo isso, nós, asiáticos e africanos, devemos estar unidos. (McTurnan Kahin, 1956, p. 43-44)

A ideia do Terceiro Mundo moveu milhões e criou heróis. Alguns deles eram figuras políticas, como os três titãs (Nasser, Nehru, Sukarno), mas também Nguyen Thi Binh e Ho Chi Minh, do Vietnã, Ben Bella, da Argélia, e Nelson Mandela, da África do Sul. O projeto também forneceu os elementos de uma nova imaginação para seus trabalhadores culturais, como o poeta Pablo Neruda, o cantor Umm Kulthum e o pintor Sudjana Kerton. O horizonte produzido pelo Terceiro Mundo entusiasmou-os, ao lado daqueles que fizeram história na vida cotidiana. O projeto do Terceiro Mundo uniu esses camaradas discordantes.

No entanto, esse projeto veio com uma falha de origem. A luta contra as forças coloniais e imperiais impôs uma unidade entre vários partidos políticos e entre as classes sociais. Movimentos sociais amplamente populares e as composições políticas conquistaram liberdade para as novas nações, e então tomaram o poder.

Uma vez no poder, a unidade que havia sido preservada a todo custo tornou-se um fardo. A classe trabalhadora e o campesinato em muitos desses movimentos haviam aderido a uma aliança com os proprietários de terra e as emergentes elites industriais. Assim que a nova nação caísse em suas mãos, o povo acreditava, o novo Estado promoveria um programa socialista.

O que eles obtiveram em vez disso foi uma ideologia de compromisso chamada Socialismo Árabe, Socialismo Africano, *Sarvodaya*³ ou *Nasakom*,⁴ que combinava a promessa de igualdade com a manutenção da hierarquia social. Em vez de fornecer os meios para criar uma sociedade inteiramente nova, esses regimes protegiam as elites entre as velhas classes sociais ao mesmo tempo que produziam elementos de bem-estar social para o povo. Uma vez no poder, as velhas classes sociais o exerceram por meio dos cargos militares ou dos vitoriosos partidos populares. Em muitos lugares, os comunistas foram domesticados, proscritos ou massacrados para manter essa unidade discordante. Nas primeiras décadas de construção estatal, dos anos 1940 aos anos 1970, a consistente pressão dos trabalhadores, o prestígio dos partidos de libertação nacional e o consenso mundial sobre o uso do Estado para criar demanda restringiu tais classes dominantes, em certa medida. Eles ainda eram os principais encarregados dos novos Estados, mas o desejo de lucro irrestrito era dificultado pelo patriotismo persistente ou pelos tipos de regimes políticos e econômicos estabelecidos pela libertação nacional.

Já na década de 1970, as novas nações já não eram mais novas. Suas debilidades eram numerosas. As demandas populares por terra, pão e paz foram ignoradas em nome das necessidades das classes dominantes. Guerra interna, dificuldade em controlar os

³ Termo em sânscrito para “progresso para todos”, “bem-estar de todos”, cunhado por Mahatma Gandhi na Índia. (N. E.)

⁴ Acrônimo baseado nas palavras indonésias para nacionalismo, religião e comunismo. Termo utilizado para caracterizar o socialismo com características indonésias. (N. E.)

preços dos produtos primários, incapacidade para superar a asfixia do capital financeiro, entre outros fatores, levaram a uma crise nos orçamentos de grande parte do Terceiro Mundo. Empréstimos de bancos comerciais só poderiam vir se os Estados concordassem com o “ajuste estrutural” dos pacotes do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. O assassinato do Terceiro Mundo levou à desidratação da capacidade do Estado de agir em prol da população, um fim em defesa de uma nova ordem econômica internacional, à recusa dos objetivos do socialismo. Classes dominantes que estiveram anteriormente atadas à agenda do Terceiro Mundo já não encontravam mais freios. Elas começaram a se ver como elites, e não como parte de um projeto – o patriotismo de base superou a solidariedade social antes necessária. Um resultado dessa extinção da agenda do Terceiro Mundo foi o crescimento de formas de nacionalismo cultural nas nações mais escuras. Atavismos de todos os tipos surgiram para preencher o espaço anteriormente assumido por várias formas de socialismo. Religião fundamentalista, raça e formas não reconstruídas de poder de classe surgiram sob os destroços do projeto do Terceiro Mundo.

O desaparecimento do Terceiro Mundo foi catastrófico. Pessoas dos três continentes continuam a sonhar com algo melhor, e muitas delas estão organizadas em movimentos sociais ou partidos políticos. Suas aspirações têm voz local. Apesar disso, suas esperanças e sonhos não são compreendidos. Durante as décadas de meados do século XX, a agenda do Terceiro Mundo carregou essas crenças de suas regiões para as capitais nacionais, e daí para o cenário mundial. As instituições do Terceiro Mundo acumularam essas ideias e pregaram-nas nas portas de edifícios poderosos. O projeto do Terceiro Mundo (a ideologia e as instituições) possibilitou aos não poderosos a manutenção de um diálogo com os poderosos e a tentativa de responsabilizá-los. Hoje, não existe um veículo deste tipo para os sonhos locais. Este livro foi escrito para nos lembrar desse imenso trabalho e de sua importância.

O relato não é exaustivo, mas ilustrativo, e constrói um amplo argumento sobre a natureza do projeto político do Terceiro Mundo e sobre as causas e conseqüências do seu declínio. O mundo havia sido melhorado pela tentativa de articular uma agenda do Terceiro Mundo. Agora está sendo empobrecido pela falta desse movimento.

Bandung

A Conferência Afro-Asiática de 1955

Em 1955, a ilha de Java carregava as marcas não apenas de sua herança colonial de 300 anos, mas também de sua recente e vitoriosa luta anticolonial. A ilha, que é o coração do arquipélago da Indonésia, abriga um grande número de plantações de café, chá e quinino, os principais produtores de riqueza para os cofres holandeses. Em uma extremidade, em direção a oeste, fica a cidade de Bandung, a Cidade das Flores. Seus edifícios administrativos decô-tropicais contrastavam fortemente com os barracos que abrigavam sua força de trabalho, formando uma paisagem urbana de esperanças e aspirações desiguais. Na década de 1940, os trabalhadores e camponeses, das cidades e do interior, se levantaram em luta ao lado dos *pemuda*, os jovens ativistas. O grito *Siaaaaap* [Atenção!] ressoou nas ruas da cidade em oposição não apenas aos ocupantes japoneses, mas também aos britânicos que os substituíram, e aos holandeses que esperavam nos bastidores para recuperar a ilha. Em março de 1946, quando parecia que os britânicos não permitiriam a independência dos indonésios, meio milhão de residentes de Bandung abandonaram a cidade em massa, enquanto incendiavam armazéns, residências e escritórios do governo (Smail, 1964, cap. 6). O fato até produziu uma canção épica:

Olá, Olá, Bandung
A capital de *Parahyangan* [Província]
Olá, Olá, Bandung
A cidade da lembrança.
Há muito tempo,
Que eu não te encontrava

Agora, você é um Mar de Fogo
Vamos assumir de novo, *Bung* [camarada].¹

Em 1955, a cidade já estava repovoada, agora em grande parte por migrantes pobres que foram deslocados por uma rebelião liderada pelo Darul Islam [Casa do Islã], uma força anticolonial que havia prometido criar uma república islâmica na Indonésia (e que desapareceu em meados da década de 1960 por falta de sucesso) (van Dijk, 1981). Mesmo assim, o sul de Bandung permaneceu marcado pelo fogo. O governo indonésio escolheu esta cidade como local para uma reunião de 29 representantes de nações asiáticas e africanas que recentemente haviam se tornado soberanas. Essa reunião deu vida ao conceito de Sauvy. Obviamente, a reunião de abril de 1955 não criou o Terceiro Mundo do nada. Simplesmente expressou tendências, tais como as condições sociais relativamente comuns dos Estados colonizados e os movimentos nacionalistas que cada um desses Estados havia produzido. A Conferência de Bandung foi, para os líderes desses movimentos nacionalistas, também o ápice de um processo que começou em 1927, em Bruxelas, com a reunião da Liga contra o Imperialismo. Tudo isso é verdade, mas o que é ainda mais importante sobre Bandung é que o evento permitiu que esses líderes se reunissem, celebrassem o fim do colonialismo formal, e se comprometessem em alguma medida com uma luta conjunta contra as forças do imperialismo. Apesar das lutas internas, debates, posicionamentos estratégicos e murmúrios de aborrecimento, Bandung produziu algo: a crença de que dois terços de todas as pessoas do mundo tinham o direito de voltar para suas cidades queimadas, valorizá-las e reconstruí-las à sua própria imagem.

¹ Meus agradecimentos a Muhammed Dasuki, da Bandung Padjadjaran University, na Indonésia, e a Agus Hadi Nahrowi, por essa tradução.

Subindo ao palco no primeiro dia, o presidente da Indonésia, Sukarno, saudou as mudanças promovidas pelo anticolonialismo na Ásia e na África:

Forças irresistíveis varreram os dois continentes. A dimensão mental, espiritual e política de todo o mundo mudou e o processo ainda não está completo. Existem novas condições, novos conceitos, novos problemas, novos ideais ao redor do mundo. Furacões de despertar e redespertar nacionais varreram a terra, sacudindo-a, mudando-a, mudando-a para melhor. (Citado em McTurán Kahin, 1956, p. 42)

Uma vasta parte do mundo que anteriormente havia se curvado diante do poder da Europa estava agora à beira de outro destino. Na verdade, a liberdade alcançada pelas novas nações parecia inimaginável apenas alguns anos antes. Quando o Congresso Nacional Indiano, de Mohandas Karamchand Gandhi, se declarou pela *Purna Swaraj*, ou Independência Completa, em 1929, muitos achavam que a medida havia sido prematura, que nem a Grã-Bretanha permitiria tal ruptura, nem a Índia poderia sobreviver por conta própria. No entanto, Nehru, então presidente do Congresso, o braço dirigente da luta anticolonial na Índia, disse aos delegados reunidos em Lahore em 1929:

Nós representamos hoje a liberdade total da Índia. Hoje ou amanhã, podemos não ser fortes o suficiente para afirmar nossa vontade. Estamos muito conscientes de nossa fraqueza, e não há ostentação em nós ou orgulho da força. Mas que ninguém, muito menos a Inglaterra, se equivoque ou subestime o significado ou a força de nossa resolução. (Sitaramayya, 1946, v.1, p. 363-364)

A resolução chegou finalmente para a Índia (e Paquistão) em 1947, como ocorreu na Indonésia e Vietnã em 1945, nas Filipinas, em 1946, Burma, Ceilão, Coreia e Malásia, em 1948 e China, em 1949. Em 1951, Gana conquistou independência substancial (formalmente declarada em 1957), no mesmo ano em que a Líbia conquistou a liberdade da Itália para se juntar à Libéria, à Etiópia e ao Egito como Estados independentes da África, enquanto em 1956 o Sudão rompeu com sua servidão anglo-egípcia (assim como

a Etiópia absorveu Eritreia). Estes são os países que se reuniram em Bandung.

Pouca coisa além dessa história colonial e anticolonial comum uniu essas nações. Sukarno, rebento de um povo bastante diverso que vivia em centenas de ilhas dispersas, entendeu a base limitada para a unidade entre aqueles que vieram para Bandung. Mas se um Estado-nação poderia ser feito na Indonésia, por que uma unidade transnacional não poderia ser formada a partir das nações em Bandung? “O conflito não vem de uma variedade de cores de pele, nem da diversidade de religião”, anunciou Sukarno, “mas da variedade de desejos”. Uma unidade de desejo forjada a partir da luta e organizada em uma plataforma comum pode minar as diferenças sociais. “Nós estamos unidos por uma aversão comum ao colonialismo sob qualquer forma que apareça. Estamos unidos por uma aversão comum ao racismo. E nós estamos unidos por uma determinação comum de preservar e estabilizar a paz no mundo” (Kahin, 1956, p. 43). Esses seriam os elementos para a unidade do Terceiro Mundo.

Esta veio de uma posição política contra o colonialismo e o imperialismo, não de qualquer cultura intrínseca ou semelhanças raciais. Se você lutou contra o colonialismo e se posicionou contra o imperialismo, então você fazia parte do Terceiro Mundo. Os pontos de vista de Sukarno ressoaram entre a maioria dos delegados no Encontro de Bandung, seja de esquerda (China), seja de centro (Índia e Birmânia), seja de direita (Turquia e Filipinas). Quando Sukarno argumentou que o colonialismo poderia ter encerrado sua fase formal, mas que o imperialismo ainda existia, ele ecoou as opiniões de muitos dos líderes do Terceiro Mundo, bem como de seus povos, que sofriam diariamente com o “subdesenvolvimento”. O colonialismo não vinha mais em *sola topees*,² mas em

² Capacete utilizado pelos exércitos coloniais europeus durante o século XIX que se popularizou também entre a população civil. Tornou-se, por isso, um símbolo da dominação colonial. (N. E.)

“sua forma moderna, na forma de controle econômico, controle intelectual. [...] Ele não desiste de seu saque facilmente”. Para erradicá-lo, Sukarno incitou os delegados e as populações de seus respectivos países a se unirem como um Terceiro Mundo contra o imperialismo. Mas o que este Terceiro Mundo poderia fazer visto que sua “força econômica é dispersa e pequena”, e que sem as “esquadras de bombardeiros” o Terceiro Mundo “não pode se dar ao luxo de entrar na política do poder” (Kahin, 1956, p. 44-45)? O que teria sobrado para este Terceiro Mundo em um planeta onde a bomba atômica e o dólar determinam o curso da história humana? O que resta para uma região que continha 2 bilhões de pessoas?³ “Podemos injetar a voz da razão nos assuntos mundiais. Podemos mobilizar toda a força espiritual, moral e política da Ásia e da África ao lado da paz” (citado em Kahin, 1956, p. 45-46).

O discurso de Sukarno foi a síntese mais poderosa para a unidade do Terceiro Mundo, razão pela qual é a declaração mais conhecida da reunião de Bandung.⁴ Nascido em 1901, Sukarno veio da mesma posição social que muitos dos importantes líderes do Terceiro Mundo. De uma família da baixa nobreza,⁵ o pai de Sukarno foi levado pelo fervor do patriotismo. Ele rebatizou seu filho em homenagem a uma figura do épico sânscrito *Mahabharata* [a grande dinastia de Bárata], Karna, que é conhecido por ser honesto e destemido (Sukarno, 1966). Sukarno estudou em instituições europeias (em Surabaya e Bandung) e recebeu formação de engenheiro, mas nutria uma ambição pela independência da Indonésia. Esta combinação entre ser da pequena nobreza ou da

³ Buchanan (1963, p. 5-23) reúne os detalhes demográficos e defende uma posição do Terceiro Mundo em relação à revolução mundial.

⁴ O que explica ser o único documento completo disponível na influente coletânea organizada por Kahin em 1956.

⁵ Muitas das ilhas que compõem a Indonésia, inclusive a região de nascimento de Sukarno (Java Oriental), se organizavam com um sistema de castas. Dentro dele, a baixa nobreza abrangia os servidores do rei em geral, como o caso dos oficiais do Estado. (N. E.)

classe média emergente, e estar aberto às vantagens educacionais do colonialismo europeu produziu uma série de líderes como Nehru, Sukarno, U Nu, da Birmânia, e o grande número de ilustrados ou “iluminados” das Filipinas.⁶ Terminado seus estudos de engenharia, Sukarno começou a publicar o *Indonesia Muda* [*Indonésia Jovem*], o jornal do Clube de Estudos de Bandung. Foi neste periódico que ele articulou pela primeira vez sua visão de uma frente única entre todas as forças patrióticas contra o colonialismo europeu. Na Indonésia, os marxistas, os islamitas e os nacionalistas formaram as principais forças de oposição do domínio holandês, e Sukarno argumentou que todos os três deviam considerar o nacionalismo “tão amplo quanto o ar” de maneira semelhante ao Partido do Congresso na Índia e ao Kuomintang na China. Depois de sua declaração, o Partido Comunista da Indonésia (PKI) liderou um levante, que falhou e foi reprimido. Para aproveitar a energia produzida pelo PKI na revolta massiva do final de 1926 ao início de 1927, Sukarno e seu círculo fundaram o Partai Nasional Indonesia [Partido Nacional Indonésio, PNI].

A ideologia do PNI, assim como o Partido do Congresso e o Kuomintang, era uma miscelânea, enraizada em um *ethos* anti-colonial mas a favor de um nacionalismo vago que atraía todas as classes sociais. A classe média subiu a bordo porque muitos deles foram discriminados em termos de empregos administrativos e humilhados pela hierarquia colonial. Já veteranos na luta pela justiça, a classe trabalhadora e o campesinato ingressariam gradualmente no PNI à medida que este se tornava central para a luta de libertação. Ao contrário do Partido do Congresso na Índia, que se tornou um movimento de massa na década de 1920 por meio de campanhas criativas lideradas por Gandhi, e ao contrário do Partido Comunista Vietnamita, cuja base de massas emergiu por meio de um diligente trabalho organizacional liderado por Ho Chi Minh, o PNI era muito mais parecido com outras or-

⁶ Sobre os *ilustrados*, ver Constantino (1970).

ganizações anticoloniais urbanas de classe média em lugares tão diversos quanto o Peru e a Costa do Ouro – surgiu de uma ideia e refletia as visões de um estrato específico, mas sua plataforma logo seria adotada por muitos além de seu círculo original. Os jovens formados fariam o trabalho principal para o PNI e para as organizações que compartilhavam sua origem de classe. O Congresso da Juventude da Indonésia levou a luta até as massas e forneceu muitos dos soldados para a luta de “não cooperação” (um conceito que Sukarno tomou emprestado de Gandhi).⁷

Frustrada com as ações de Sukarno, a administração holandesa o prendeu em 1931 e o manteve preso até a invasão japonesa do arquipélago, em 1942. Quando os japoneses assumiram o poder, Sukarno trabalhou com eles, mas não como seu *fantoche*; ele aproveitou todas as oportunidades que teve para promover ideias nacionalistas, de modo que, como observa o historiador George Kahin, seus discursos no rádio “eram cheios de sutilezas e conversas ambíguas, que geralmente passavam pelo filtro dos censores japoneses, mas eram significativos para a população” (Kahin, 1952, p. 108). Em 17 de agosto de 1945, dois dias após a rendição japonesa, Sukarno (e seu associado Hatta) declara a independência da Indonésia – um movimento adiado pela entrada de tropas britânicas que tinham vindo para restaurar as ilhas aos holandeses. Sukarno ainda tinha pouca massa em sua base, e sua declaração foi pura bravata. Mas o povo indonésio apoiou-o, apesar do conhecimento superficial de seu programa, e ele ganhou. As chamas de Bandung cresceram porque as pessoas agora acreditavam que o colonialismo havia acabado. O domínio europeu já não tinha legitimidade. Em 1949, a Indonésia conquistou sua liberdade formal.

Sukarno, como Nehru e outros líderes nacionalistas, formou a vanguarda de um levante contra o poder colonial, sem uma

⁷ A maioria dos fatos mais importantes estão nos livros de Kahin (1952) e Dahm (1969).

agenda clara para o desenvolvimento social de seu povo. O que estava claro, no entanto, era que eles aproveitaram a onda produzida pelas ações de muitas pequenas organizações locais – como fóruns de comerciantes, o PNI, organizações religiosas e grupos de jovens. Sukarno representava liberdade e justiça, mas não necessariamente uma revolução geral contra as velhas classes sociais (como a pequena nobreza rural, comerciantes e outros) – o que explica a cumplicidade dos holandeses e do PNI na repressão de 1948 à rebelião comunista em Madiun (que levou à execução e encarceramento de dezenas de quadros do Partido Comunista da Indonésia e à supressão do partido em 1951-1952, quando o governo prendeu 15 mil de seus membros) (Mortimer, 1974). Sukarno investiu na educação e nas indústrias estatais, tirando parte da agenda dos comunistas, que continuaram a construir um partido de massa (em 1965, o PKI tinha 3,5 milhões de quadros e 20 milhões de membros em frentes de massa). Em 1965, em sua última cerimônia do Dia da Independência antes do golpe apoiado pelos EUA que o expulsou do poder, Sukarno afirmou: “Estamos agora promovendo um eixo anti-imperialista: o eixo Jacarta-Phnom Penh-Hanoi-Pequim-Pyongyang” (Simons, 2000, p. 161). Ele tinha se aproximado dos comunistas mais do que ele teria imaginado quando entrou pela primeira vez na política.

Mas Sukarno não representava todas as vozes em Bandung.

A China comunista participou da conferência liderada pela personalidade entusiasmada de Zhou En-lai, cuja história lendária e tentativas febris de fazer amizade o tornaram querido pela maioria dos delegados.⁸ Zhou teve uma programação vigorosa. Nehru não apenas o guiou e o apresentou àqueles que já respei-

⁸ Carlos Romulo, das Filipinas, descreveu Zhou assim: “Em Bandung, o primeiro-ministro Zhou En-Lai se comportou como alguém saído das páginas do livro de Dale Carnegie sobre *Como fazer amigos e influenciar pessoas*. [...] Na Conferência Asiático-Africana, ele tinha maneiras afáveis, era moderado no falar” (Romulo, 1956, II). Nehru ofereceu um jantar para Zhou, em que o líder comunista foi “cordial e agradável”. Durdin (1955).

tavam o líder político indiano, mas o próprio Zhou dirigiu-se ao maior número de sessões possível e se reuniu com quase todos os delegados. Chá com os “centristas” Nehru e U Nu seria seguido por chá com “direitistas” como Carlos Romulo, das Filipinas, e John Kotelawala, do Ceilão (encontro no qual Zhou conheceu o vice-primeiro-ministro do Afeganistão e Ministro das Relações Exteriores, Sardar Mohammed Naim). Finalmente, Zhou e a delegação chinesa ofereceram um banquete com a presença das principais potências, mas também com os Estados árabes (representados pelo príncipe herdeiro Faysal, da Arábia Saudita, Seifel Islam Hassan, do Iêmen, Walid Salah, da Jordânia, Sami Solh, do Líbano, Mahmud Muntasser, da Líbia, e Ismail el Azhari, do Sudão).

Zhou assumiu um tom conciliador com a retórica nacionalista da conferência e até implorou aos líderes que tinham uma orientação religiosa para serem tolerantes com seu ateísmo (*China and the Asian-African Conference: Documents*, 1955). A abordagem pacífica por parte da delegação chinesa refletiu a orientação geral do comunismo chinês em relação à política externa e interna naquele breve período da década de 1940 até os primeiros estrondos da Revolução Cultural, na década de 1960.⁹ Logo após 1949, quando os comunistas chineses chegaram ao poder, eles cultiva-

⁹ Em 1943, em Yan'an, China, Mao havia formulado a palavra de ordem “Das massas, para as massas” como uma forma de resumir o tom com o qual os comunistas deveriam seguir em seu relacionamento com as “massas”, um termo ambivalente que se referia a qualquer um pertencente às classes revolucionárias (operários e camponeses) ou a todo o povo chinês. “Isso significa: pegar as ideias das massas (ideias dispersas e assistemáticas) e concentrá-las (por meio do estudo, transformá-las em ideias concentradas e sistemáticas), então ir às massas e propagar e explicar essas ideias até que as massas as aceitem como se fossem suas, agarrem-se a elas e as traduzam em ação, e testem a exatidão dessas ideias em tal ação. Então, mais uma vez, concentre as ideias das massas e mais uma vez vá às massas para que as ideias perseverem e sejam levadas adiante. E assim continuamente em uma espiral sem fim, com as ideias se tornando mais corretas, mais vitais e mais ricas a cada vez. Essa é a teoria marxista do conhecimento” (Tse-tung, 1976, v. 3, p. 119).

ram uma “coalizão democrática” de camponeses, trabalhadores e intelectuais para fortalecer e ampliar seu apoio e base de poder (Mao Zedong encorajou os comunistas nesta linha com a consigna “Não atirar em muitas direções”).

Se os comunistas na China encontravam alianças entre o campesinato e algumas frações da classe média, eles teriam mais dificuldade no cenário internacional. O confronto com a União Soviética na década de 1930 continuou após 1949, e se intensificou após a morte de Joseph Stalin, em 1953. A divisão sino-soviética isolou a China em um cenário mundial já predisposto a evitar os comunistas. Os Estados Unidos brandiram seus sabres sobre o Mar da China para Formosa (mais tarde, Taiwan) e Coreia. No final de 1950, o governo chinês agiu impetuosamente para defender o povo coreano, enviando suas tropas através do Rio Yalu para o conflito na península. A URSS desencorajou isso, principalmente porque havia investido na distensão com o Primeiro Mundo. A China rejeitou as divisões do “campo” da Guerra Fria, e se viu isolada de seu aliado natural, a URSS, e mais tarde, do Pacto de Varsóvia. A China era totalmente cercada por potências hostis – a URSS ao norte e oeste, e os pactos militares iniciados pelos EUA em ambas as extremidades. Além disso, não havia ninguém para apoiar a China na ONU, uma vez que seu assento era controlado pelo governo de Formosa. O fato de os comunistas chineses resistirem à ideia de que as nações mais escuras deveriam ser divididas nas esferas de influência das duas potências tornou a China um aliado central do Terceiro Mundo. A China, aparentemente, representava independência e autodeterminação, não distensão e divisão. Além de princípios em si, o Terceiro Mundo tinha algo tangível para dar à China: por mais distinta que fosse na orientação, Bandung forneceu o terreno para acabar com o isolamento da China na opinião e no apoio mundiais.

Dos 29 Estados da Conferência de Bandung, seis importantes representantes haviam recentemente feito arranjos econômico-militares com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. Em 1954,

Paquistão, Filipinas e a Tailândia juntaram-se à Nova Zelândia, Austrália, França, Grã-Bretanha e aos Estados Unidos, formando a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (Seato, na sigla em inglês, também conhecido como Pacto de Manila), enquanto Irã, Iraque, Paquistão (novamente) e Turquia juntaram-se à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos para criar a Organização do Tratado Central (também conhecida como Pacto de Bagdá). Em Bandung, os delegados paquistaneses, tailandeses e filipinos defenderam estes pactos com base no fato de que estes protegeriam as “nações pequenas ou fracas” do comunismo doméstico e internacional. Como Romulo disse, “os impérios de ontem, nos quais se dizia que o sol nunca se punha, partem um a um da Ásia. O que tememos agora é o novo império comunista sobre o qual sabemos que o sol nunca nasce” (Romulo, 1956, p. 91). Mohammed Ali, do Paquistão, também defendeu os pactos com base no “direito à autodefesa, exercido individual ou coletivamente”, devido ao que ele chamou de “novas e mais odiosas formas de imperialismo que se disfarçam sob a máscara da ‘libertação’” (citado em Romulo, 1956, p. 22). Os dois principais jornais nos dois lados do Atlântico, *The New York Times* e o londrino *Times*, deram aos discursos de Ali, Romulo e Kotelawala um destaque considerável. O jornal dos EUA aplaudiu esses três líderes e considerou “gratificante para o Ocidente ouvir uma forte defesa da liberdade de pensamento e ação”, e vê-los colocar o colonialismo “na perspectiva certa”, que é transferir a culpa do imperialismo europeu e americano para o comunismo (*New York Times*, 24 de abril de 1955; *Times*, 27 de abril de 1955; *Times*, 26 de abril de 1955).¹⁰

Os Estados pró-Primeiro Mundo em Bandung tinham pelo menos uma coisa em comum: eles eram governados por burguesias

¹⁰ O editor do *The New York Times* proferiu este julgamento condescendente: “Nossos amigos na primeira assembleia mundial de estadistas africanos e asiáticos se mostraram mais numerosos e mais firmes do que o previsto” (Sulzberger, 1955, p. 18).

nacionais fracas que tinham movimentos de massa militantes que ameaçavam sua própria legitimidade e poder. O regime filipino de Manuel Roxas e, mais tarde, de Ramon Magsaysay, sob cujo comando Romulo trabalhava, foi confrontado pela Rebelião Huk de 1946-1954, uma revolta de massa que pegou em armas contra os novos governantes e seus apoiadores dos EUA. Com armas de Truman, os militares de Magsaysay derrotaram os rebeldes pouco antes de as potências se reunirem em Manila para assinar o tratado Seato (Kerkvliet, 1977). A Tailândia tinha motivos para temer uma rebelião comunista, pois seu próprio regime antidemocrático havia sido confrontado por dentro e sua região foi abalada por uma insurreição comunista popular na Malásia, que durou de 1948 a 1960 e que seria suprimida apenas por uma agressiva campanha britânica de bombardeio em massa (Clutterbuck, 1967). Em 1951, o Partido Comunista Paquistanês, formado há três anos, juntou-se a oficiais anti-imperialistas em um levante fracassado que levou à supressão do partido (movido para a clandestinidade em 1954). O Iraque e o Irã também tinham partidos de esquerda fortes que ofereciam uma alternativa à liderança fundiária que havia assumido o poder após o colapso do Império Otomano na região. De fato, o Iraque, naquele momento, tinha o maior partido comunista nas terras árabes. Esta pressão conjunta com a URSS ao norte levou muitos desses regimes a procurarem abrigo sob o guarda-chuva militar dos Estados Unidos.

Os blocos tinham muito mais do que uma função militar, pois eles trabalhavam para transformar o sistema social e político dos Estados que atrelaram seu destino aos Estados Unidos.¹¹ A “zona de segurança” criada pelos Estados Unidos deu a muitos desses Estados uma garantia de segurança vinda de Washington – mas por um preço: a criação de bases militares dos EUA nestes países, e a abertura de seus mercados para empresas dos EUA. Como o jornalista dos EUA I. F. Stone observou: “A Pax Americana

¹¹ Neste ponto, eu sigo Peter Gowan (2004, p. 3-36).

é o internacionalismo da Standard Oil, Chase Manhattan e do Pentágono” (citado em Huntington, 1973, p. 333-368). Por essa análise, a independência das partes recém-libertadas do mundo estava sendo restringida não apenas pelas alianças militares, mas, mais importante, pela maior integração de lugares como Filipinas, Paquistão e Turquia nos planos econômicos das corporações globais do Primeiro Mundo, assim como à dinâmica do capitalismo de “livre mercado” que beneficiou esses gigantes econômicos.

Quando Romulo participou da Weil Lecture on American Citizenship,¹² na Universidade da Carolina do Norte, e quando escreveu na *New York Times Magazine*, logo depois de Bandung, ele usou ambos os fóruns para oferecer uma dura repreensão da política econômica dos Estados Unidos. Existe um plano Marshall para a Europa, ele disse ao seu público em Chapel Hill, mas apenas “ração de galinha” para a Ásia. “O que é pior”, afirmou ele no *Times*, “ela vem acompanhada de palestras senatoriais sobre como devemos ser gratos e como é imperativo que percebamos as vantagens do *american way of life*. E assim por diante. A Ásia e a África devem se contentar com migalhas e devem nos dizer que um grande favor está sendo conferido a nós?” (Romulo, 1955, p. 8, 55, 60-61; e 1956, p. 41-43). Não apenas o governo dos EUA fornece ajuda escassa, e não apenas favorece suas corporações globais para cavalgar desenfreadamente no Terceiro Mundo, mas isso desfigura os mercados agrícolas globais com seu “despejo de produtos excedentes americanos na Ásia, como o arroz”. Isso “causou danos irreparáveis a países exportadores de arroz, como a Tailândia” (Romulo, 1955 e 1956, p. 51-52). Até mesmo aliados como as Filipinas não poderiam suportar facilmente os arranjos econômicos de Pax Americana.

O coração do Terceiro Mundo estava nas mãos de Sukarno, Nehru, U Nu e Nasser. Todos os quatro repreenderam seus colegas

¹² Série de palestras que acontecem a cada dois anos desde 1915 com o objetivo de ampliar o debate sobre o tema da cidadania estadunidense no país. (N. E.)

por se associarem formalmente com as duas grandes potências; eles falaram contra pactos e alianças que dividiram o mundo na tóxica Guerra Fria. Em 29 de setembro de 1954, Nehru explicou longamente sua posição sobre os pactos militares, diante da Casa do Povo indiana. A Índia fora convidada a aderir ao Pacto de Manila, mas recusou principalmente porque o governo indiano percebeu que o pacto militar não era tanto um tratado de defesa, mas uma forma de as grandes potências exercerem a sua influência. “Por que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos fazem parte da ‘área defensiva’ do Sudeste Asiático?”, perguntou Nehru. Não é porque fazem parte da região, mas porque querem usar a Seato para exercer sua influência nas relações domésticas e internacionais dos países do pacto. O “Tratado de Manila inclina-se perigosamente na direção das esferas de influência a serem exercidas pelos países poderosos. Afinal, são os países grandes e poderosos que vão decidir as questões e não os dois ou três países asiáticos fracos e pequenos que podem ser aliados deles” (Nehru, 1961, p. 89). Em Bandung, Nehru sofreu as consequências das objeções por mais da metade dos delegados cujos países aderiram a um ou mais pactos. Ele se manteve firme, aliou-se a birmaneses, indonésios, egípcios, sírios, cambojanos, norte-vietnamitas, laosianos e representantes da Costa do Ouro e do Iêmen. “Eu afirmo a vocês”, disse ele ao comitê político de Bandung, “todo pacto trouxe insegurança, e não segurança, para os países que aderiram a eles. Ao aderirem ao pacto, eles fizeram com que o perigo das bombas atômicas e suas consequências ficassem muito mais próximos deles.” (citado em Kahin, 1955, p. 68).

Não só havia pelo menos três centros de opinião diferentes em Bandung, mas também havia áreas da África e da Ásia que não haviam sido convidadas para a conferência. Como observou o editor do *The New York Times*, “O encontro não é verdadeiramente regional. Austrália e Nova Zelândia estão, por exemplo, mais intimamente implicadas em seus problemas do que a Costa do Ouro. A China nacionalista, as duas Coreias, Israel e África do

Sul também foram excluídos” (Sulzberger, 1955, p. 18). O mesmo jornal não teve problemas com o envolvimento dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha nos pactos regionais centrados em Manila e Bagdá, talvez porque esses dois Estados já tivessem um papel global pressuposto, enquanto as nações mais escuras deveriam aspirar a nada mais do que um âmbito estritamente local. Kotelawala ofereceu o mais vigoroso motivo da exclusão da república da África do Sul: “Não posso ir lá. Por que diabos eu deveria convidá-los?” (*Times*, 1956, p. 77-94). O *apartheid* afastava o governo da África do Sul da fraternidade com o nascente Terceiro Mundo. Israel sofreu o mesmo destino de Formosa, porque ambos tinham a reputação de serem muito comprometidos com as potências coloniais e insuficientemente dirigidos pela dinâmica do anticolonialismo.¹³ No entanto, outros Estados pró-americanos foram convidados e participaram plenamente de Bandung: Ceilão (Sri Lanka), Irã, Iraque, Japão, Jordânia, Paquistão, Filipinas, Arábia Saudita e Vietnã do Sul. Bandung também deixou de fora as duas Coreias, que recentemente haviam estado em conflito, todas as repúblicas

¹³ A negação de Israel não resultou inteiramente de qualquer relação aparente que tivesse com as potências coloniais. Em suas memórias, o diretor-geral da Missão Israelense de Relações Exteriores, Walter Eytan, descartou os argumentos apresentados para o isolamento de Israel pelos novos Estados da África e da Ásia como não sendo “lógicos”. Em sua opinião, “parece haver pouca dúvida de que a hostilidade muçulmana a Israel seja ainda a pedra no caminho”. Em geral, ele aponta, “as relações de Israel com a Ásia foram atormentadas pelo fator muçulmano”. O motivo da negação de Israel não veio do “fator muçulmano”, mas porque, apesar da integralidade da Índia e da Birmânia, o Paquistão sentiu que sua presença incomodaria os muitos Estados árabes cuja representação era crucial. Muitos líderes árabes, particularmente as monarquias da Jordânia e da Arábia Saudita, usaram Israel como um meio conveniente para desviar a atenção de seu próprio povo da terrível injustiça de seus Estados (Eytan, 1958, p. 183). Sobre as atitudes do Paquistão sobre os Estados árabes, ver Kahin (1955, p. 3). U Nu, com o apoio de Nehru, abriu o caminho para incluir Israel, mas eles não tiveram sucesso (Khan, 1957; Butwell, 1963, p. 186).

soviéticas da Ásia Central e a Mongólia Exterior, porque tinham um relacionamento íntimo com Moscou.

O que Bandung conseguiu realizar? Em Bandung, os representantes dos países ex-colonizados sinalizaram sua recusa em aceitar ordens de seus antigos senhores coloniais; eles demonstraram sua capacidade de discutir problemas internacionais e ter posições alinhadas sobre eles. Nesse sentido, Bandung criou o formato para o que acabaria se tornando o grupo afro-asiático – e depois afro-asiático-latino-americano – na ONU. Uma parte deste grupo (12 Estados árabes-asiáticos) constituiu o primeiro ensaio de articulação desse tipo na ONU em 1949, durante o debate sobre o estado do Império Italiano, e então, com vigor, em dezembro de 1950, para insistir que as grandes potências (particularmente os Estados Unidos) concordassem com um cessar-fogo na Coreia (Hovet, 1960, p. 79). Nehru, no Parlamento indiano e após Bandung, ressaltou a importância da ONU: “Acreditamos que nossa grande organização, a ONU, ganhou força de Bandung. Isso significa, por sua vez, que a Ásia e a África devem desempenhar um papel cada vez mais importante na conduta e no destino da organização mundial” (Nehru, 1961, p. 279). O comunicado final em Bandung exigia que a ONU admitisse todos os Estados anteriormente colonizados, como a Líbia e o Vietnã, então sem autorização de admissão à instituição (“Para uma cooperação eficaz para a paz mundial, a adesão às Nações Unidas deve ser universal”) (citado em Kahin, 1955, p. 82). A criação deste bloco na ONU ao longo do tempo foi a realização mais importante de Bandung, principalmente porque este bloco seria, ao lado do socialista, o baluarte contra o “imperialismo do dólar” e ofereceria um modelo alternativo de desenvolvimento.

Bandung é recordada, entre aqueles que têm alguma memória disso, sobretudo como um dos marcos do movimento pela paz. Independente da orientação dos Estados, eles concordaram que a paz mundial requeria o desarmamento. Durante a era de relativa paz doméstica na Europa (1815-1914), a parte do planeta sob seu

controle cresceu de um terço para 85%, e a tecnologia militar da Europa foi empregada em grande parte nesse terreno recém-conquistado. Desde o bombardeio de 1856 em Cantão pelos britânicos ao bombardeio aéreo espanhol de 1913 no Marrocos, o mundo colonizado já sabia o que as armas de destruição em massa podiam fazer. Os colonizados também sabiam como tais armas cultivavam um destacado sadismo entre aqueles que tinham o dedo no gatilho. O autor inglês R. P. Hearne, que escreveu um livro infantil chamado *The Romance of the Airplane*, escreveu, em *Airships in Peace and War* (1910): “Em terras selvagens, o efeito moral de tal instrumento de guerra [o bombardeiro aéreo] é impossível de conceber. O aparecimento da aeronave causaria terror nas tribos”, pois esses aviões podem aplicar “punição aguda, severa e terrível” e evitar “o terrível desperdício de vidas ocasionado às tropas brancas no trabalho expedicionário” (citado em Lindqvist, 2001, p. 31). Os pensamentos de Hearne não foram em vão, pois bombardeio aéreo tornou-se a política padrão, seja pelos italianos, no norte da África, pelos britânicos, na Índia e no Iraque, pelos americanos, na Nicarágua, ou pelos espanhóis, no País Basco ou no Marrocos.

O desprezo racista pela vida humana ocasionou uma longa discussão em Bandung sobre o desarmamento. No comunicado da conferência, os delegados argumentaram que o Terceiro Mundo deveria agarrar as rédeas dos cavalos do apocalipse. O Terceiro Mundo tinha um “dever para com a humanidade e a civilização de proclamar seu apoio ao desarmamento” (citado em Kahin, 1955, p. 83). Como as potências nucleares eram vacilantes sobre as negociações, o Terceiro Mundo apelou à ONU para insistir no diálogo e na criação de um regime para monitorar o controle de armas. O Subcomitê de Desarmamento da ONU havia sido formado como resultado da iniciativa indiana (e do Terceiro Mundo) na Assembleia Geral em 1953, para “retirar dos povos do mundo [o] fardo e [o] medo [da aniquilação] e, assim, liberar novas energias e recursos para programas positivos de reconstrução

e desenvolvimento” (Resolução 502 (VI) da Assembleia Geral da ONU, 11 de janeiro de 1952). Quando a ONU finalmente criou a Agência Internacional de Energia Atômica (Aiea), em 1957, seu estatuto seguiu o comunicado final de Bandung, que pediu aos poderes a “regulamentação, limitação, controle e redução de todas as forças armadas e armamentos, incluindo a proibição da produção, experimentação e uso de todas as armas de destruição em massa, e para estabelecer controles internacionais eficazes para esse fim” (Kahin, 1955, p. 83; Resolução 914 (X) da Assembleia Geral da ONU, 16 de dezembro de 1955). A AIEA, em outras palavras, é uma filha de Bandung.¹⁴

Nenhuma das extravagâncias dos delegados sobre guerra nuclear é exagerada. Os Estados Unidos testaram dispositivos nucleares em 1945 e os usaram em duas cidades japonesas; a URSS os havia testado em 1949, e o Reino Unido havia feito isso em 1952. Além disso, o uso de bombardeios aéreos massivos sobre o Japão e a Alemanha, bem como em outros lugares, criou um mundo marcado pela expectativa de eventual aniquilação. Os Estados em Bandung não apenas confessaram estar desarmados em qualquer futuro conflito, mas também imploraram pela sanidade do desarmamento. A Comissão de Desarmamento da ONU de 1952 não aliviou muitos temores, porque a maioria das pessoas sabia que os Estados Unidos vieram à mesa para minar as reivindicações soviéticas, afirmando que o Primeiro Mundo não desejava reduzir suas proezas militares; de fato, em novembro da-

¹⁴ A história convencional da Aiea afirma que sua formação veio como resultado do discurso “Átomos pela Paz”, do presidente dos EUA Dwight Eisenhower, nas Nações Unidas, em 1953. Na verdade, foi neste discurso que Eisenhower abordou o assunto de uma agência de energia atômica para “estabelecer um sistema completamente aceitável de inspeção e controle mundial”. A ideia vem do discurso, mas 81 nações não teriam vindo à ONU em 1956 ávidas para criar tal agência sem a conferência de Bandung do ano anterior. (*International Atomic Energy Agency*, 1961; Baradei, 2003).

quele ano, os Estados Unidos explodiram seu primeiro dispositivo termonuclear e aceleraram ainda mais a corrida armamentista.¹⁵

Isso não impediu o Terceiro Mundo, que, liderado pela Índia, propôs um plano de quatro pontos para o desarmamento na ONU em 1956. Como primeiro passo, as duas grandes potências nucleares (Estados Unidos e URSS) teriam que suspender suas explosões experimentais. Segundo, as duas potências deveriam desmontar algumas bombas para iniciar um processo de desarmamento total das armas nucleares. As duas potências deveriam então vir para a Assembleia Geral da ONU e declarar publicamente sua renúncia às armas nucleares. Finalmente, todos os países deveriam publicar seus orçamentos militares para haver transparência nesse grande desperdício de trabalho social.

A luta contra o colonialismo foi sangrenta e brutal, e os povos dos Estados reunidos em Bandung perderam vidas ao mesmo tempo que ganharam pátrias. Eles sabiam o custo da guerra tanto quanto qualquer outra pessoa, mas, mais importante, eles experimentaram o poder da não violência para ajudar a moldar o mundo. O líder óbvio aqui era a Índia, onde o movimento de libertação foi moldado desde meados da década de 1910 pela ideia de *ahimsa*, desobediência civil não violenta em massa. Mesmo aqueles que antes haviam pegado

¹⁵ Em 1982, isso foi estabelecido nos *Truman Papers* tornados públicos. Um memorando do Departamento de Estado ao presidente Truman, datado de 28 de maio de 1952, observa: "A União Soviética afirmou, com algum sucesso na frente de propaganda, que as democracias ocidentais não desejam a redução das armas, mas apenas uma vasta operação de inteligência. Acredita-se que se esta proposta [um documento de trabalho sobre controle de armas] puder ser apresentada a tempo de ser incluída no Primeiro Relatório da Comissão de Desarmamento, que será submetido ao Conselho de Segurança em 1º de junho, alguns dos efeitos da propaganda da União Soviética serão minorados". Comissão de Desarmamento da ONU, pasta n. I, PSF, *Truman Papers*, *Truman Library, Independence*, MO. Na questão do desarmamento, a URSS se tornou mais confiável após a morte de Stalin, em 1953: em 1955, a URSS propôs o fim dos testes nucleares e foi preciso mais quatro anos de pressão para que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha aceitassem parcialmente essa posição.

em armas, como o revolucionário Bhagat Singh, vieram a perceber o poder da não violência, como em sua declaração de 1930, na qual afirma que “o uso da força [é] justificável quando utilizada por uma questão de terrível necessidade. [A] Não-violência [se configura] como política indispensável para todos os movimentos de massa” (Singh, 1996, p. 123).¹⁶ O fato de que Índia e Gana, entre outros, puderam emergir do colonialismo pelo uso da não violência teve um impacto em Bandung – embora o Terceiro Mundo ainda não tivesse sido totalmente marcado pelo desenvolvimento dos movimentos nacionalistas armados na Argélia e Cuba, ambos libertados por armas de fogo. Até Bandung, de qualquer modo, a não violência tinha um prestígio, e a propagação dos “Cinco princípios da coexistência pacífica” de Nehru tinha uma profundidade que não teria sido permitida pelas potências em Bandung sem a habilidade da Índia em imputar ao Império Britânico a dor e os custos sociais.

O Terceiro Mundo, no entanto, permaneceu vulnerável em pelo menos dois pontos. Os Estados em Bandung continuaram a acumular armas – um fato que levou muitos a acusá-los de hipocrisia. Índia e Paquistão já haviam embarcado em uma corrida armamentista catastrófica após sua primeira guerra, em 1947-1948. Conflitos regionais e invasões por potências imperialistas (como o ataque anglo-franco-israelense ao Egito, em 1956) criaram a necessidade de “defesa” como uma segunda natureza nesses Estados. Enquanto os Estados em Bandung trouxeram várias nuances da decisão estratégica em manter exércitos, eles propuseram uma transformação planetária na forma como lidavam uns com os outros; na verdade, eles exigiam que as grandes potências assumissem a liderança para

¹⁶ Che Guevara, décadas mais tarde, chegou à mesma conclusão: “O terrorismo é uma medida que geralmente é ineficaz e indiscriminado em seus efeitos, já que muitas vezes faz vítimas entre pessoas inocentes e destrói um grande número de vidas que seriam valiosas para a revolução. Além disso, impede todo o contato mais ou menos legal ou semiclandestino com as massas e torna impossível a unificação para ações que serão necessárias em um momento crítico”. Che Guevara (1961).

fortalecer o papel da ONU como pacificadoras, para permitir que a base para as relações internacionais fosse a fraternidade, no lugar da distensão.¹⁷ Em segundo lugar, uma das potências em Bandung, a China, decidiu, em 1955 (durante a crise do Estreito de Taiwan), desenvolver armas nucleares. O presidente Mao certa vez havia chamado as armas nucleares de “tigres de papel”, mas agora parecia que a China queria um para si. Os outros Estados em Bandung tentaram diversas vezes impedir a China de fazer seu pacto com o átomo, mas falharam. A tentativa seguiu até a véspera do teste de explosão da China em 1964, enquanto os delegados na Segunda Conferência de Estados Não Alinhados, no Cairo, tentaram “dissuadir a China de desenvolver armas nucleares” (Perkovich, 1999, p. 65; Lewis e Litai, 1988). Os chineses escolheram a bomba e a persistência do conflito entre os Estados em Bandung minaram significativamente a moral do outrora forte questionamento apresentado pelo Terceiro Mundo à Guerra Fria radioativa.

O comunicado final de Bandung não se inicia falando sobre desarmamento ou colonialismo, mas sobre “cooperação econômica”. Entre os pontos cruciais no comércio bilateral e nas relações de um Estado para outro, os pontos mostravam um resolutivo esforço por parte dos Estados em Bandung para afastar a pressão imperialista trazida sobre eles não tanto pelo colonialismo direto, mas pelo capital financeiro e pelas vantagens comparativas dadas ao Primeiro Mundo como legado do colonialismo. O comunicado pedia a criação de um Fundo Especial da ONU para o Desen-

¹⁷ Se as bombas nucleares impedem as guerras nucleares, então por que ter as bombas em primeiro lugar? Por que, logicamente, os dois lados precisam manter arsenais de coisas para garantir que essas mesmas coisas não sejam usadas? Por que manter as populações como reféns umas das outras? As bombas nucleares certamente não impedem as guerras convencionais, uma vez que a era nuclear continua repleta de detritos do conflito. O pecado original de Hiroshima produziu uma teologia chamada dissuasão, que é um ópio não para lavar as preocupações da pobreza, mas para promover um Estado autoritário e militarista. Os poderes de Bandung tinham outra visão, agora fora do reino dos governos.

volvimento Econômico (Sunfed, na sigla em inglês) e de uma corporação financeira internacional para garantir a regulamentação dos fluxos de capital predatórios. Previa a criação de uma Comissão Consultiva Permanente sobre Comércio Internacional de Mercadorias da ONU e incentivava seus pares a diversificar seu comércio de exportação. Sob condições coloniais, as nações mais escuras foram reduzidas a fornecedores de matérias-primas e consumidores de bens manufaturados produzidos na Europa e nos Estados Unidos. As propostas de Bandung demandavam que Estados colonizados diversificassem sua base econômica, desenvolvessem sua capacidade interna de manufatura e, assim, quebrassem a cadeia colonial. O Sunfed e os outros órgãos da ONU foram elaborados com o objetivo de permitir esses desenvolvimentos.

Essas propostas mais moderadas vieram após um preâmbulo escrito para dissipar qualquer temor, entre os financiadores internacionais, de que o Terceiro Mundo tivesse “se tornado socialista” e, ainda assim, essas propostas arrepiaram a imprensa financeira na Europa e nos Estados Unidos. Mas mesmo o mais anticomunista entre os delegados em Bandung apoiou a ideia de alguma autossuficiência do Terceiro Mundo em relação ao imenso poder do Primeiro Mundo. Quando Romulo saiu da Conferência de Bretton Woods, que criou o sistema financeiro internacional, ele o fez com raiva pela forma com que os Estados do Primeiro Mundo “já haviam se arrogado a responsabilidade de serem os únicos a decidir qual deveria ser o padrão econômico do mundo do pós-guerra” (Glendon, 2001, p. 11). A aclamação quase universal para a formação da Conferência da ONU sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad), em 1964, é a evidência do acordo generalizado dentro do Terceiro Mundo em torno de alguma estratégia anti-imperialista para o desenvolvimento econômico.

O acordo mais poderoso em Bandung foi sobre “cooperação cultural”. A falta de acordo sobre a natureza da economia política global resultou em uma débil posição unificada. Os nacionalismos progressistas derivaram dos interesses de classe daqueles que

predominavam em suas várias sociedades. O que uniu essas várias classes, no entanto, foi uma condenação direta da indignidade da cultura do imperialismo chauvinista. A unidade neste tema excedeu em muito àquela em torno da Economia Política. Na década anterior a Bandung, a Unesco patrocinou um estudo crucial sobre o racismo e as atitudes racializadas em diferentes tradições culturais. O trabalho produziu uma série de escritos importantes, incluindo trabalhos do antropólogo Claude Lévi-Strauss e da psicóloga Marie Jahoda. O trabalho da Unesco cresceu no pós-Holocausto, com a percepção de que a raça não é apenas uma ficção biológica, mas que sua mobilização na história mundial havia dilacerado pessoas. Em Bandung, os 29 novos Estados condenaram o “racismo como meio de supressão cultural”. O racismo imperial, argumentaram, “não apenas impede a cooperação cultural, mas também suprime as culturas nacionais dos povos” (citado em Kahin, 1955, p. 79). Os impérios geralmente tentam dirigir a história cultural de um povo – para colocar uma comunidade contra outra (dividir para governar), adotar um grupo como o líder acima do resto, ou então desprezar as tradições culturais de uma região e propor sua substituição pelas próprias tradições culturais do império, pelo menos para alguns selecionados. Os 29 de Bandung exigiram o fim deste uso da riqueza cultural para fins de dominação. Mas eles foram além, recomendando que o mundo aprendesse sobre as culturas uns dos outros, exigindo que as nações mais escuras não só tivessem acesso à cultura europeia, mas também à de cada um dos 29 Estados, além de aprenderem sobre a história cultural de todos. O comunicado levou os países para “a aquisição de conhecimento sobre os países um dos outros, intercâmbio cultural mútuo e troca de informações”. Isso não deveria ser apenas nas artes, mas em todos os aspectos da cultura, incluindo ciência e tecnologia (Kahin, 1955, p. 79-80).¹⁸

¹⁸ Como observou a Constituição fundadora da Unesco, de 1945: “A ampla difusão da cultura e a educação da humanidade para a justiça, a liberdade e

De Belgrado a Tóquio, do Cairo a Dar es Salaam, políticos e intelectuais começaram a falar do “Espírito Bandung”. O que eles queriam dizer era simples: que o mundo colonizado agora havia emergido para reivindicar seu espaço nos assuntos mundiais, não apenas como um adjunto do Primeiro ou Segundo Mundos, mas como um ator por si próprio. Além disso, o Espírito Bandung era uma recusa tanto da subordinação econômica quanto da supressão cultural – duas das principais políticas do imperialismo. A audácia de Bandung produziu sua própria imagem.

Em nenhum lugar o impacto foi sentido com mais força do que em Moscou, entre os líderes recém-instalados que assumiram o comando após a morte de Stalin em 1953. Nikita Khrushchev e Nicolay Aleksandrovich Bulganin fizeram uma grande turnê mundial, começando na Iugoslávia, depois na Índia e Birmânia. Nehru e U Nu visitaram Moscou, e Nasser foi para a Iugoslávia – tudo isso enquanto a URSS ampliava sua ajuda econômica aos recentes Estados nacionais burgueses agressivos da África e da Ásia. A visita dos líderes soviéticos ao marechal Tito na Iugoslávia enviou um sinal de que eles haviam decidido mudar seu tom em relação às novas nações.¹⁹ Tito já havia se tornado próximo de muitos dos 29 Estados de Bandung, tendo visitado a Índia, Birmânia, Egito e Etiópia. Na rádio de Belgrado, no final da conferência, Tito deu seu veredicto: “O número de países asiáticos e africanos participantes da conferência e o enorme interesse sobre a conferência na Ásia e na África mostram que uma encruzilhada da história foi alcançada, no sentido de que esses povos estão determinados a decidir seus próprios destinos, na medida do possível” (citado em

a paz são indispensáveis para a dignidade do homem e constituem um dever sagrado que todas as nações devem cumprir em um espírito de assistência mútua e preocupação”.

¹⁹ A reaproximação começou em 1954, conforme ilustrado na correspondência entre Khrushchev e Tito, bem como na resolução de 31 de maio de 1954 do Partido Comunista da União Soviética para a normalização das relações entre a URSS e a Federação Iugoslava.

Times, 1955). Tito logo se juntaria aos principais atores do Terceiro Mundo para ajudar a decidir este destino. Na declaração conjunta de soviéticos e iugoslavos, em 2 de junho de 1955, eles afirmaram o conceito do Terceiro Mundo, saudaram a conclusão bem-sucedida da Conferência de Bandung e observaram que a conferência havia feito um significativo avanço pela causa da paz mundial (Kimche, 1973, p. 84).²⁰ Por fim, a URSS permitiu que seus aliados, como o governo tcheco, vendessem armas aos egípcios, e isso também consolidou laços econômicos com os Estados em Bandung.

Dramaticamente, em 1956, o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) rejeitou sua teoria anterior de dois campos no mundo. O congresso reiterou a posição assumida por Nehru e U Nu, em Bandung, e por Nasser, no Cairo. Ele observou que a teoria dos campos forneceu uma visão do mundo que sugeria que a guerra era a única solução para a divisão, que através do abismo da divisão não poderia haver nenhuma conversa e diálogo para a paz. Por esse motivo, o congresso adotou a noção de “zona de paz”, para incluir todos os Estados que se comprometeram a reduzir as forças em nome de uma agenda de paz. O congresso incluiu na zona de paz o Segundo Mundo socialista e o que chamou de “Estados não comprometidos” – isto é, o Terceiro Mundo não alinhado (Yodfat, 1973, p. 6; Richter, 1994).

As motivações soviéticas para este novo papel nos assuntos mundiais são complexas. Alguns argumentam que a nova direção do PCUS havia revisto o compromisso anterior com a classe

²⁰ Mesmo sendo um regime comunista mais irreconciliável ideologicamente, os albaneses saudaram a Conferência de Bandung e sua agenda de solidariedade do Terceiro Mundo. É o que diz Enver Hoxha: “O povo albanês saudou a histórica Conferência de Bandung e está de todo o coração em união com todos os povos da Ásia e da África ainda em cativeiro, que estão lutando para acabar com o jugo odioso do colonialismo de uma vez por todas. O povo albanês e seu governo declaram sua adesão aos conhecidos ‘Cinco princípios de coexistência pacífica’ entre Estados de diferentes sistemas sociais, que foram proclamados pelos governos da República Popular da China e da República da Índia” (Hoxha, 1975, p. 498).

trabalhadora nos países ex-colonizados do mundo e agora mudava sua fidelidade à burguesia nacional. A liderança soviética, então, pode ser vista como motivada pelo desejo de desfazer a era soviética do pós-guerra de apoio frouxo aos movimentos nacionalistas e, portanto, o interesse passou a ser expandir o socialismo por meio de aliança, em vez de revolução social. Outros afirmam que a política é menos motivada por qualquer teoria geral da revolução mundial, e mais pela influência chinesa no Terceiro Mundo. A mudança da URSS ocorreu, por esta lógica, mais no contexto da crescente divisão sino-soviética do que em qualquer congruência ideológica com a agenda do Terceiro Mundo (Jian, 2001; Fursenko e Naftali, 1997; Claudin, 1975).

Se a prova do pudim está em comê-lo, então a adoção soviética da ideia de “não alinhamento” independente do motivo, tinha um gosto muito melhor para as nações mais escuras do que o desdém do Primeiro Mundo por ela. O governo britânico recém-instalado de Anthony Eden mostrou uma aberta hostilidade ao que chamou de “neutralismo”. Antes de Bandung, Eden, então secretário de Relações Exteriores, instou seus embaixadores em países africanos e asiáticos que insultavam o comunismo a enviar delegações à Indonésia com o propósito de trabalhar contra os chineses, bem como para garantir o relacionamento do antigo mundo colonizado com o Primeiro Mundo (Conte, 1965, p. 38; Kimche, 1973, p. 64).²¹ Eden, que em 1938 havia instado as potências europeias a “efetivamente afirmarem a autoridade da raça branca no Extremo

²¹ Atitude semelhante prevaleceu nos Estados Unidos durante a preparação para a malfadada reunião de Bandung II, em 1965. McGeorge Bundy, da Casa Branca, escreveu ao gabinete do secretário de Estado para dizer: “O presidente deseja encorajar nações não alinhadas próximas dispostas a falar contra aqueles que são cegamente críticos à posição dos EUA no Vietnã. [...] [O Departamento de Estado deve] fazer um esforço substancial para [...] encorajar os participantes amigáveis em relação a nós a se organizarem para evitar a aprovação de Resoluções anti-EUA ostensivamente unânimes” (*National Security Action Memorandum*, 1965).

Oriente”, projetava a esperança da Grã-Bretanha na continuidade do poder imperial, mesmo que já tivesse se tornado uma extensão dos Estados Unidos (Thorne, 1985, p. 30). A invasão anglo-francesa do Egito, em 1956, selou a atitude do Terceiro Mundo em relação à Grã-Bretanha, e até mesmo o Ceilão (em Bandung, muito pró-Primeiro Mundo) juntou-se aos birmaneses, indonésios e indianos em 12 de novembro de 1956, condenando a agressão.

Os Estados Unidos tiveram uma atitude ainda mais hostil em relação a Bandung desde o princípio. Na verdade, quando o congressista dos EUA Adam Clayton Powell Jr. decidiu participar da conferência, o Departamento de Estado não apenas tentou dissuadi-lo, mas, como Powell disse à imprensa, o aconselhou a “ficar longe da embaixada dos EUA e do embaixador dos EUA, Hugh S. Cummings Jr., porque sua associação com a embaixada dos Estados Unidos daria uma conotação oficial à sua presença”. No entanto, 24 horas depois de Powell chegar à Indonésia, ele foi convidado pelo Departamento de Estado a ir para a embaixada porque, como disse Powell, caso contrário, “a propaganda comunista diria que o Departamento de Estado dos EUA estava discriminando um membro do Congresso por ele ser negro”. Powell se recusou a ficar na embaixada, em protesto. “Esta conferência não é antibranca”, Powell disse em uma entrevista coletiva, “mas foi contra a política externa estadunidense, e pode se tornar um movimento antibranco, a menos que a política externa estadunidense tacanha e pouco qualificada seja revista”. Quando voltou de Bandung, ele não conseguiu uma reunião com o Departamento de Estado, para a qual queria levar informações sobre fundos sauditas para rebeldes no norte da África (O'Donnell, 1955; Alden, 1955).

Depois de Bandung, a política externa dos EUA teve uma forte posição contra o que chamou de “neutralismo”. Se um Estado decidisse rejeitar a abordagem de dois campos – dos Estados Unidos e da URSS –, então passaria a ser considerado não como tendo uma posição própria, mas sim como neutro. Em 1952, os planejadores dos EUA declararam que o neutralismo era, de

acordo com o secretário de Estado, Dean Acheson, “um atalho para o suicídio”, e caso o conflito estourasse no mundo neutro, a URSS poderia “forçar o máximo de países não comunistas para seguir uma política neutra e para negar seus recursos às principais potências ocidentais” (Chomsky, 1993, p. 45). O embaixador Douglas MacArthur alertou os Estados Unidos que o espírito de Bandung poderia levar o Japão, um aliado geopolítico crucial, ao neutralismo; os Estados Unidos poderiam perder suas bases navais e, para evitar isso, deveriam tratar o Japão com mais respeito (U.S. Department of State, 1955-1957, p. 325-330). Após a viagem de John Foster Dulles ao Leste Asiático para uma reunião da Seato, em 1958, o Conselho de Segurança Nacional deliberou e criou uma política para o sudeste da Ásia continental. O documento tinha que admitir que os Estados da região valorizavam sua independência acima de tudo. O governo dos EUA, observou, deveria “respeitar a escolha de cada país na política nacional para preservar sua independência, mas deveria envidar todos os esforços para demonstrar as vantagens de uma maior cooperação e de um alinhamento mais estreito com o mundo livre, bem como os perigos de alinhamento com o bloco comunista”. Os Estados Unidos deveriam vincular esses Estados em interdependência com sua própria economia (“fornecer assistência econômica e técnica flexível, conforme necessário para atingir os objetivos dos EUA”), suas instituições culturais (“fazer um esforço especial e contínuo para ajudar a educar um número crescente de civis pró-Occidente tecnicamente competentes e chefes militares”), e seu poderio militar (“manter, no geral, na área do Extremo Oriente, as forças dos EUA adequadas para exercer uma influência dissuasora contra a agressão comunista, em conformidade com a atual política básica de segurança nacional”) (NSC 5809, 1992, p. 31-33).

O Terceiro Mundo dominou Bandung, isto é, aquelas potências que procuraram criar um espaço não alinhado para criticar tanto a mentalidade dos campos quanto a corrida para a guerra venceram a batalha para definir seu legado. Nasser, Nehru e U Nu dominaram

o palco, não Romulo ou Kotelawala. Quando U Nu viajou para Washington DC, em 1955, ele disse ao *National Press Club* que a Carta da ONU era, “na verdade, um grande pacto de segurança mútua”. Como Sukarno, U Nu veio de uma família patriótica de um setor da sociedade que havia sido varrido nas primeiras lutas contra o governo britânico na Birmânia. Se Sukarno fez uma tentativa de alinhar o marxismo e o nacionalismo com o Islã, U Nu passou sua juventude tentando desenvolver um síntese budista-comunista-nacionalista. No final da década de 1930, U Nu escreveu um artigo intitulado “Eu sou um marxista”, que perguntava: “Como as pessoas que passam fome e têm que lutar dia a dia por sua própria existência podem praticar a religião?”. Tais condições adversas para o budismo significam que “trabalhar pelo marxismo seria retribuir nossa gratidão a Buda por seu sofrimento em todos os seus éons de existências para o benefício de humanidade” (citado em Butwell, 1963, p. 27). U Nu desempenhou um papel central na Organização Antifascista criada em 1944 para lutar contra a ocupação japonesa, e esta, com o Exército Nacional da Birmânia, do general Aung San, tornou-se o veículo para a Independência do país, em 1948. Uma relação instável com o Partido Comunista da Birmânia, a China Comunista e o Exército do Kuomintang apoiado pelos EUA, que acampou em grandes partes da Birmânia, fortaleceu a crença de U Nu em uma terceira via além da divisão do mundo em dois campos. A ONU, em que o Terceiro Mundo desempenhou um papel especial, não seria neutra nos conflitos, mas se oporia ativamente a eles. “Um mundo dividido necessita mais de um fórum comum para discutir as diferenças do que um mundo unido”, disse U Nu em Washington. Por isso, “Eu creio que se a ONU não existisse hoje, o mundo estaria trabalhando fervorosamente para estabelecê-la, ou algo parecido” (Butwell, 1963, p. 176). O Terceiro Mundo e seu veículo, a ONU, não seriam neutros, mas seriam ativamente contra a polarização do mundo.

Em 24 de setembro de 1996, o secretário-geral da ONU, Boutros Boutros-Ghali, dirigiu-se a uma reunião comemorativa

do MNA. A semente desse movimento foi plantada em Bandung, Boutros-Ghali observou. “Em Bandung, o nascimento do não alinhamento foi um ato de ousadia estonteante e fascinante. Libertado dos grilhões da opressão colonial, os não alinhados entraram no palco internacional, levantando uma nova voz para todo o mundo ouvir. A política internacional foi fundamentalmente e para sempre transformada”. O entusiasmo de Boutros-Ghali era anacrônico. Provavelmente faria sentido no final da década de 1950, mas, na década de 1990, o espírito de Bandung tinha definhado e a ONU já não era o que poderia ter sido. O espírito de Bandung poderia ter mudado a política internacional, e certamente realizou todas as tentativas para fazê-lo, mas, como veremos adiante, falhou. Seu fracasso, entretanto, não pode ser buscado apenas em seus ideais.

Um jovem socialista formado em Paris, Boutros-Ghali voltou ao Cairo em 1949 para lecionar na principal universidade de seu país, editar um semanário de negócios (*al-Abram al Iktisadi*), escrever um livro sobre solidariedade política afro-asiática, em 1969, e lutar em seus primeiros anos para levar o Egito de Nasser em direção à justiça e ao socialismo (Boutros-Ghali, 1969).²² Quando Boutros-Ghali lecionava na faculdade de Direito, Nasser voltou de Bandung e anunciou que a conferência foi “um dos dois eventos mais importantes da história moderna” (o outro foi a energia atômica) (Kimche, 1973, p. 82). O entusiasmo de Nasser pelo Espírito de Bandung foi prejudicado pelos eventos de setembro de

²² Em 1958, Boutros-Ghali editou um livro sobre a nacionalização do Canal de Suez, em que escreveu que o ato de Nasser estava em conformidade “com o direito internacional e [era] compatível com os objetivos e princípios das Nações Unidas” (Boutros-Ghali e Chlala, 1958, p. iii). Em uma entrevista de 1997 a Daniel Pipes, Boutros-Ghali reiterou esta defesa, dizendo: “O valor simbólico da nacionalização do Canal de Suez foi mais importante do que o valor econômico ou as consequências que se seguiram. A nacionalização de 1956, de certa forma, foi uma consequência da Conferência de Bandung de 1955; teve grande importância para os países do Terceiro Mundo” (Boutros-Ghali, 1997).

1955, quando ligou Bandung às vendas tchecas de armas para os egípcios. Para Nasser, a independência sinalizada em Bandung teve que ser protegida por armas, uma perversão precoce da agenda do Terceiro Mundo. Entusiasticamente, Nasser queria que Bandung II fosse realizada no Cairo, e mesmo que não fosse, o Cairo tornou-se o destino preferido como sede de reuniões de solidariedade afro-asiática, da Conferência Econômica de 1958 à Conferência Médica de 1964. Mas, ainda mais importante, especialmente para um movimento que começou a ser representado por homens, a dinâmica de Bandung sediou a Conferência das Mulheres Afro-Asiáticas no Cairo, em 1961.